

Terence Blanchard

featuring

The E-Collective

14 Mar 2018
21:00 Sala Suggia

CICLO JAZZ

Terence Blanchard *trompete*

Charles Altura *guitarra*

Fabian Almazan *piano*

David "DJ" Ginyard Jr. *baixo*

Oscar Seaton *bateria*

Neste projecto que conheceu o seu primeiro disco em 2015, são duas as facetas que Terence Blanchard revela de modo algo surpreendente – inesperado talvez para quem o poderá ter fixado como um dos mais notáveis representantes dum jazz que, desde os anos 80, reagiu às fusões e às velhas vanguardas dando preferência às sonoridades tradicionais; ou mesmo para quem o conhece a partir das cinco dezenas de bandas sonoras que escreveu para o cinema, com especial destaque para toda a cinematografia de Spike Lee desde *Jungle Fever* (1991). Mas talvez menos imprevisível para quem o reconhece como um criativo inveterado, pouco dado a repousar sobre fórmulas estáticas. É que, na verdade, Terence Blanchard sempre foi mais do que um representante de uma qualquer corrente: “Sempre gravitei à volta de música que procurava ser interventiva, que reflectia sobre as emoções ou paixões de uma época em particular.” Essa qualidade manifesta-se nas tais duas direcções diferentes que, a partir do álbum *Breathless*, são assumidas mais claramente do que nunca. A primeira será a consciência social, a crença de que “a música e a arte têm o poder de mudar corações e almas”. E o papel interventivo do jazz, muitas vezes esquecido, é algo que Blanchard leva bastante a sério. A este propósito vêm à mente temas como *Strange Fruit*, celebrado por Billie Holiday, que o trompetista gravou num dos seus primeiros discos a solo e cita no texto da faixa-título de *Breathless*; e *Alabama*, de Coltrane, um outro tema histórico de protesto contra crimes racistas que Blanchard também regravou. Mais recentemente, participou activamente (não apenas como compositor) no documentário de Spike Lee sobre o desastre do furacão Katrina, que destruiu Nova Orleães, a cidade natal do próprio Terence Blanchard: *When The Levees Broke: A Requiem in Four Acts*, de 2006. “Algo mudou com o disco *A Tale of God's Will*, baseado nos temas de *When The Levees Broke*”, revela o músico. “Senti que eu era um instrumento de algo maior. Quando se vê tanta gente em sofrimento e a devastação em sítios que se frequentou ao longo da vida, nos EUA, quando as pessoas estão desesperadas e se percebe que não estão a ser ouvidas, sente-se a necessidade de dizer alguma coisa.” Mas a mensagem específica deste novo projecto estava ainda por emergir.

A segunda faceta aqui revelada traduz-se na personalidade musical deste colectivo, através do qual o trompetista se insere, com a devida autoridade, numa corrente do jazz contemporâneo aberta à intensa manipulação electrónica e que proclama uma diluição tendencial das fronteiras com as outras ramificações descendentes do blues – a fonte genética da soul e do funk, mas também do hip hop e do rock. *Groove* é a palavra-chave, a linha orientadora que Blanchard e o baterista Oscar Seaton mantinham acesa em conversas desde, precisamente, o tempo de *A Tale of God's Will*, quando gravavam as bandas sonoras de *Inside Man* (Spike Lee) e *Talk to Me* (Kasi Lemmons). “Lembro-me de tocar com o Oscar algumas coisas com *groove* para o filme *Inside Man* de Spike, e de dizer que tínhamos de fazer uma banda. Todo este tempo depois estávamos na mesma, e eu pensei: se não for agora, provavelmente nunca o faremos.” Foi portanto uma década de maturação de uma ideia que pretendia inspirar os jovens “que procuravam tocar instrumentos mas não necessariamente jazz”, e incentivar aqueles “que queriam fazer música electrónica, a fazê-lo a um nível mais alto”. A ideia cresceu a partir desse objectivo inicial, rapidamente o ultrapassando para se tornar algo com um conteúdo musical pelo qual os membros do E-Collective se entusiasmarão bastante. E se não associávamos Blanchard a este tipo de sonoridade levada às últimas consequências, a verdade é que ela sempre fizera parte dos seus interesses: na pré-história da sua carreira tocou teclas em bandas de R&B e desenvolveu grande admiração por grupos como Mahavishnu Orchestra, Return to Forever, Head Hunters e Weather Report; sempre ouviu música baseada em *groove*, de Jimi Hendrix e Parliament Funkadelic até Prince e D'Angelo, embora não tivesse ainda explorado esse filão; além de que a electrónica foi ganhando uma presença discreta na sua música a partir das experiências desenvolvidas para o cinema. A vida pública de um músico nem sempre deixa transparecer todas as camadas da sua personalidade artística.

A música pela música parecia ser o grande propósito deste novo projecto, mas a realidade não tardou a trazer-lhe uma outra dimensão, mais profunda e urgente. “Enquanto criávamos a música, Mike Brown foi morto, e houve tantos casos de pessoas abatidas a tiro nos EUA que sentimos que precisávamos de fazer e dizer algo.

Isto representou, para mim, uma mudança de direcção.” A morte de Michael Brown ocorreu menos de um mês após a de Eric Garner, estrangulado por um agente da polícia e depois imobilizado no solo enquanto clamava repetidamente “I can’t breathe”. A “suspeita” que serviu de pretexto ao assédio: venda de cigarros avulso sem selo fiscal. O disco *Breathless* foi dedicado a Eric Garner.

O próximo disco de Terence Blanchard com o E-Collective, com gravações ao vivo, não foge ao tema. “Continua a ser um assunto muito importante que parece agora não ter nenhuma atenção. Falamos de jogadores de futebol americano que se ajoelham durante o hino nacional, mas não falamos da razão pela qual eles o fizeram.” – o protesto contra o tratamento que é dado aos negros nos Estados Unidos. “Falamos de todo o tipo de assuntos irracionais, mas não lidamos com temas poderosos que têm que ver com humanidade.” Numa outra entrevista, o músico acrescenta: “Vivemos tempos muito estranhos. Temos muitos assuntos sérios que se nos atravessam, e somos desviados por coisas insignificantes”, que não passam de “sintomas de problemas mais importantes”.

Depois de uma actuação em Staten Island, Nova Iorque – o local onde Eric Garner foi assassinado –, o impacto regenerador da música de Blanchard foi arrebatador. No público estavam amigos e família de Garner. Essa experiência levou o grupo a gravar um novo disco, *LIVE*, a partir de actuações ao vivo em várias cidades atingidas por tensões raciais. As gravações, realizadas em Janeiro e a editar este ano pela Blue Note, foram acompanhadas por debates com dirigentes das comunidades locais promovendo as mudanças sociais positivas.

FERNANDO PIRES DE LIMA, 2018

Terence Blanchard é uma referência enquanto instrumentista, líder de banda, autor de bandas sonoras e músico pós-bop. Nasceu em Nova Orleães, Louisiana, a 13 de Março de 1962. Começou a tocar piano aos cinco anos de idade, mudando para o trompete três anos mais tarde. Tocou com o seu amigo de infância Wynton Marsalis e estudou no New Orleans Center for Creative Arts com Roger Dickerson e Ellis Marsalis, e mais tarde com Paul Jeffrey e Bill Fielder na Rutgers University, quando já era membro da orquestra de Lionel Hampton. Em 1982, substituiu Marsalis nos Jazz Messengers de Art Blakey, onde permaneceu até 1986. Dividiu a direcção de um quinteto com Donald Harrison, que deu origem a sete álbuns, e na década de 1990 começou a gravar em nome próprio. Foi também nessa altura que começou a colaborar com Spike Lee, tendo escrito todas as bandas sonoras deste cineasta desde *Jungle Fever*, em 1991, incluindo *Malcolm X*, *Clockers*, *Summer of Sam*, *25th Hour* e *Inside Man*. Em 2000, foi nomeado director artístico do Thelonious Monk Institute of Jazz na University of Southern California em Los Angeles. Com álbuns gravados para editoras como Columbia, Sony Classical e Blue Note, foi nomeado 13 vezes para os Grammys Awards, que ganhou em cinco ocasiões.

Para além da sua carreira como líder, colaborou também com grandes figuras como Herbie Hancock, Cedar Walton, Abbey Lincoln, Joanne Brackeen, Jay McShann, Ralph Peterson, Ed Thigpen, J.J. Johnson, Toots Thielemans, Stevie Wonder, Bill Lee, Ray Brown, Poncho Sanchez, Dr. Billy Taylor, Dr. John, Lionel Loueke, Jeff Watts e muitos outros. Seguindo as pisadas de Art Blakey e

da escola de músicos que foram os Jazz Messengers, Terence Blanchard tem sido mentor de vários músicos que trabalham nos seus grupos e prosseguiram carreiras a solo, entre os quais Lionel Loueke, Aaron Parks, Kendrick Scott e um dos membros da sua banda actual, Fabian Almazan.

Como intérprete e compositor, mais recentemente, Blanchard pode ser ouvido através da sua primeira ópera *Champion: An Opera in Jazz*, estreada em 2013; a série *Shots Fired* lançada em 2017 pela Fox; *Complexions*, uma colaboração no âmbito da dança com Desmond Richardson; *Detroit 67*, uma encomenda para a Orquestra Sinfónica de Detroit; *Herbie Hancock: By Himself*, uma encomenda para Filarmónica de Los Angeles; e duas peças da Broadway. O lugar de Blanchard na cultura contemporânea vai muito para além do universo do jazz.

Fabian Almazan teve o primeiro contacto com o piano na infância, em Havana. Concluiu o mestrado em 2009, na Manhattan School of Music, onde estudou com Jason Moran. O seu segundo álbum, *Rhizome*, foi editado pela Blue Note em 2014.

O guitarrista **Charles Altura** é natural da Califórnia e toca com Chick Corea desde 2012, tendo participado no álbum *The Vigil*. Toca também no último álbum de Ambrose Akinmusire, *The Imagined Savior Is Far Easier To Paint*.

David “DJ” Ginyard Jr. é um baixista formado pelo Berklee College of Music. Tem gravado com artistas como o guitarrista David Fiuczynski, o cantor-compositor Gordon Chambers, o cantor de R&B Tyrese e as bandas Screaming Headkess Torsos, Chairlift e Dirty Projectors.

Oscar Seaton teve a sua primeira grande oportunidade ao tocar com Ramsey Lewis, em 1996. Desde então, tem tocado e gravado com artistas como Grover Washington Jr., David Sanborn, Joe Sample, Kirk Whalum, Phil Upchurch, Yolanda Adams, George Benson, Lionel Richie e Mike Post, entre muitos outros.